

RESSONÂNCIAS DE UM ENCONTRO NACIONAL DE TERAPIA FAMILIAR: PROPOSTAS E DESAFIOS PARA O FUTURO DO CAMPO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Em Belo Horizonte, em agosto de 2024, aconteceu o 15º Congresso Brasileiro de Terapia Familiar. Este é um momento único que integra algumas referências no campo de diferentes centros formadores. Foi importante estar lá, celebrar o encontro e observar diferentes gerações e práticas da terapia familiar brasileira. Entendo que essas conferências são um lugar para produzirmos reflexões sobre nossas práticas no campo, revisitar tradições e práticas consolidadas, mas também para conhecer inovações e práticas contemporâneas. Gostaria de refletir neste texto sobre essas inovações.

ADRIANO BEIRAS

*Instituto Noos,
São Paulo, SP, Brasil*

*Universidade Federal
de Santa Catarina,
Florianópolis, SC, Brasil*

Que desafios temos para o futuro da Terapia Familiar?
O que precisamos consolidar, repensar ou aprimorar?

Venho pensando o que nós, terapeutas de família, estamos conseguindo produzir de novo e contemporâneo, como estamos repensando práticas anteriores consolidadas no contexto atual macro e microrrelacional e de que forma estamos incorporando preocupações atuais da sociedade.

Há uma tentativa nesses eventos de produzir essas reflexões, especialmente nesse que trazia como título “Famílias com seus temperos, sabores e cores: diversidade e inclusão”. Mas quais são os desafios para, de fato, aprofundar e incorporar essa diversidade e inclusão em nossas práticas e discussões profissionais?

Estimulado pelo evento e sua potencialidade de produzir redes profissionais e reflexões sobre essa área de estudo e atuação, gostaria de apresentar neste texto reflexões e provocações para o futuro da terapia familiar e de casais a partir de minhas ressonâncias.

Esses encontros têm o objetivo de produzir impactos em nós e de avaliarmos trajetórias. Importante dizer que meu lugar de fala é de editor de uma revista científica na área, especialmente nas práticas sistêmicas pós-modernas, e também como professor universitário e pesquisador, além de terapeuta de casais e famílias, e facilitador grupal; lugares estes onde reflito sobre teorias diversas na psicologia, metodologias e práticas de intervenção em diferentes *campos psi*.

Portanto, gostaria de enumerar alguns pontos que penso que ainda são desafios para a área da terapia familiar e de casais como um todo, ainda que tenhamos experiências e abordagens específicas que têm avançado nesses aspectos, incluindo novos conceitos como a preocupação em integrar na clínica o social e o comunitário, algumas expostas no evento. Enumero, portanto, reflexões que surgiram a partir do meu diálogo interno do estímulo e experiência vivida em Belo Horizonte.

PRIMEIRO PONTO

O campo da terapia familiar tem se deparado com temas contemporâneos complexos, mas parece não estar dialogando de forma suficiente com novos termos e macrotemas da

sociedade. Há boas intenções, algumas experiências e ações, mas é necessário avançar. Aqui, faço referência a temas de diversidades conjugais, sexuais, culturais, de paradigmas, assim como sobre raça, capacitismo e gênero. É preciso pensar esses temas não como externos às nossas práticas, mas como conceitos que avançaram contemporaneamente e precisam ser incorporados em nossas práticas usuais e tradicionais já consolidadas, como óculos e paradigmas novos e contemporâneos de leitura. Nesse sentido, é preciso repensar se algumas práticas tradicionais de fato ainda englobam preceitos atuais ou se não estamos reproduzindo opressões. O olhar de revisão é necessário, ainda que difícil. Precisamos aprofundar mais e mais, dialogar de forma transdisciplinar, escutar a diferença e diversidade mais a fundo, rever nossas verdades.

SEGUNDO PONTO

É preciso seguir quebrando a dicotomia entre conhecimento acadêmico e de pesquisa e prática profissional e exercícios vivenciais. Precisamos trabalhar juntos, trocando inovação, extensão universitária (a vertente prática da universidade), práticas fundamentadas e parcerias dos institutos formadores (que pouco têm produzido e escrito sobre inovações, pesquisas, novas experimentações e fundamentos). Parece que construímos uma cisão entre esses campos, esquecendo que o conceito de ciência vai muito além do olhar moderno e cartesiano, envolve o olhar curioso para os movimentos da sociedade, com ferramentas metodologias diversas. Não precisa ser um congresso estritamente científico, mas como podemos conversar mais estreitamente com este campo do que temos feito até agora? Não é preciso ser cientista ou acadêmico para produzir algo novo; é preciso saber produzir conhecimentos, contar da experiência vivida nos consultórios, dos desafios, dos alicerces teóricos coerentes com inovações.

TERCEIRO PONTO

Valorizar as práticas de grandes referências e veteranos da Terapia Familiar e de casais é importante, mas para aqueles que estão já há algum tempo no campo pode ser pouco inovador. Como estamos repensando algumas técnicas e recursos clínicos clássicos nos tempos atuais? O que ainda é útil e o que precisa ser efetivamente renovado, reconstruído e adaptado? Estamos estimulando novas ações e inovações na nossa área profissional?

Seria muito interessante produzir mesas de diálogo entre um veterano e um jovem terapeuta de destaque, trocando suas boas práticas, pensando suas preocupações, seus saberes localizados e olhares sobre a sociedade, valorizando conhecimentos a partir de diferentes posicionamentos, tempos e gerações.

QUARTO PONTO

Importante avançar de forma mais aprofundada em conjugalidades com paradigmas diferentes e com o campo de sexualidades. Esse foi um tema emergente e importante no evento. Será que estamos conseguindo olhar relacionamentos e conjugalidades para além da monogamia e seus preceitos? É preciso pensar essas práticas com um olhar decolonial, repensando verdades, paradigmas e estruturas, respeitando a diversidade e dissenso.

Estamos iniciando este debate, mas ele é mais profundo, e seus efeitos para repensar ciclos de vida, família, lealdades, formas de amar, são potentes e diversos e precisam ser vistos para além do paradigma da norma e normatividade (heteronormatividade e mononormatividade) da psicologização e da patologização.

Os estudos sobre sexualidades e gênero avançaram muito em diversos aspectos. Até que ponto nós, terapeutas de casais e famílias, estamos alcançando e dialogando com esses avanços e suas complexidades, novos termos, teorias e lógicas? Como isso influi na inovação e boas práticas? Que conceitos novos surgem que ainda não conhecemos e precisamos ter letramento mínimo para auxiliar na trajetória de caminhos diversos para quem nos procura?

QUINTO PONTO

Penso ser muito importante e necessário retomar o debate sobre os conceitos, paradigmas e teorias que sustentam nossas práticas. Ainda que possamos ter abordagens diferentes no campo, sejam psicodinâmicas, psicodramáticas, fenomenológicas ou cognitivas, como podemos conversar sobre nossas potencialidades e conexões, e não apenas sobre nossas diferenças? E sobre o paradigma da ciência novo paradigmática, tão relevante para o campo, até que ponto de fato estamos entendendo o que é produzir um conhecimento complexo, múltiplo, não cartesiano? Apenas buscar a causa das coisas ou soluções pontuais contempla transformações a determinados temas tão complexos que vivenciamos? O olhar de gênero, por exemplo, precisa ser entendido como um paradigma interpretativo, um elemento transversal que auxilia no entendimento do problema em um ponto de vista histórico e promove a busca de um lugar mais ético e inclusivo para as relações, trazendo ferramentas para a mudança e ações.

Da mesma forma, temos o tema do racismo estrutural, o capacitismo e a leitura da colonialidade presente em nossa sociedade. São linhas atuais de produção de conhecimento de forma interdisciplinar e relacional. Alguns temas e modos de produzir conhecimento já não podem mais ficar isolados de nossas práticas clínicas, assim como não podemos mais estar isolados do campo social e comunitário. A discussão epistemológica no campo da terapia de família e de casais é também importante para repensar essa prática profissional na atualidade.

SEXTO PONTO

Há uma discussão emergente sobre o que se entende atualmente como psicoterapias e terapias como a familiar e a de casal, e de que forma esta produz algo, assim como o debate sobre fundamentos e evidências. Há debates em conselhos profissionais, há uma emergência de pseudoterapias. O que temos para contribuir e repensar no campo da terapia familiar e de casal sobre isso? Como produzimos conhecimento, como construímos esse espaço que tem sido questionado socialmente? Precisamos discutir mais sobre isso, mostrando o histórico de nosso campo, da produção de um terapeuta, da importância da supervisão e de práticas fundamentadas.

Nossa conexão com a sensibilidade, com os recursos e com a diversidade de modos de vida e processos subjetivos precisa ser mais discutida. A troca entre experiência, pesquisa, saberes consolidados e reflexões contemporâneas macrossociais entra em cena para iluminar este aspecto.

E o que mais podemos acrescentar aqui? E que desafios temos para tornar isso tudo concreto e presente em nossas práticas? Podemos usar nossos conhecimentos

fundantes sobre comunicação, sobre relação? Estamos usando-os entre pares para produzir, conectar, dialogar e colaborar? Fica um convite para seguirmos este debate nos próximos eventos, em microeventos preparatórios, nas associações e no diálogo com centros formadores, academia e universidade.

Produzir sinergias, integrando novas gerações, novos desejos e preocupações, valorizando o saber consolidado, mas repensando seus contextos e validades. Tudo isso, sem produzir verdades absolutas, mas sim trazendo a curiosidade e humildade pela troca, reforçando o convite para que novos atores nesse campo profissional e de conhecimento possam sentir-se convidados e contribuir com a área.

E também para que sigamos todos comprometidos com relacionamentos mais éticos, diversos, com respeito, integrados na diferença e produtores de transformação social no contexto contemporâneo, ampliando saberes localizados e contemplando efetivamente a complexidade das relações.

ADRIANO BEIRAS

Psicoterapeuta, supervisor clínico. Formador de terapeutas de família e casais. Doutor em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Barcelona. Professor do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Editor da revista Nova Perspectiva Sistêmica/Instituto Noos. <https://orcid.org/0000-0002-1388-9326>
Email: adrianobe@gmail.com